



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE CEILÂNDIA

CURSO DE ENFERMAGEM

**REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O CONHECIMENTO DOS ALUNOS E
ALUNAS DE ENFERMAGEM SOBRE OS CONTRACEPTIVOS HORMONAIS**

ANA CAROLINA DE CARVALHO BARBOZA CALAZANS

Brasília, DF

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE ENFERMAGEM

ANA CAROLINA DE CARVALHO BARBOZA CALAZANS

**REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O CONHECIMENTO DOS ALUNOS E
ALUNAS DE ENFERMAGEM SOBRE OS CONTRACEPTIVOS HORMONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso em Enfermagem 2 da
Faculdade de Ceilândia - Universidade de
Brasília, como requisito para a obtenção
do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a Dr^a Danielle Kaiser de Souza

Brasília,DF

2021

Á minha mãe, que sempre me apoiou em todo o período da faculdade, sempre disse que eu iria conseguir, te agradeço por ser meu exemplo de vida. Obrigada por tudo.

Ao meu padrasto, que sempre esteve ao meu lado, mesmo sabendo que não seria fácil, muito obrigada também, por ser um exemplo de estudo, dedicação na minha vida.

Ao meu marido, obrigada por estar sempre ao meu lado, me ouvir, me aconselhar e ajudar. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a Deus por ter me permitido chegar aqui, sem Ele nada disso seria possível, pois só Ele sabe o quanto foi difícil.

Aos meus pais por ter me apoiado todo momento.

Às minhas irmãs pelo apoio, conselho e ajuda.

Ao meu marido por ter me ajudado tanto em todo esse processo.

Aos meus amigos da faculdade (Ana Carolina, Pablo e Vitória), agradeço por ter me ajudado em todos os momentos, principalmente durante as provas e por deixarem o ambiente mais divertido na UnB.

À minha amiga (Fabiola) por mesmo de longe, me ajudou muito nesse processo final de graduação e nesse trabalho de conclusão de curso.

À minha orientadora por me ajudar em todo o processo, desde o PIBIC até esse trabalho.

Agradeço por todo tempo dedicado e por toda paciência.

A todos os professores de enfermagem por todo ensinamento e dedicação.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo, identificar e descrever o conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre os métodos contraceptivos hormonais através de uma revisão de produções científicas. Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (Scielo), Periódicos, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google Acadêmico, abrangendo artigos publicados entre 2010 e 2020. Ao final, 14 artigos foram selecionados, pois estavam de acordo com os critérios de inclusão e exclusão elaborados para o estudo e respondiam à pergunta norteadora. A pesquisa permitiu identificar que o contraceptivo hormonal oral foi o método mais conhecido, como também mais utilizado pelas alunas de graduação de enfermagem, porém existem dúvidas e informações errôneas em relação aos anticoncepcionais, principalmente quando o assunto é proteção contra infecções sexualmente transmissíveis e sobre o aborto. Como futuros profissionais da saúde, essas questões devem ser esclarecidas, pois a enfermagem tem um papel importante na sociedade, como educador em saúde.

Descritores: Conhecimento; Contraceptivo hormonal; Enfermagem; Estudantes de enfermagem.

ABSTRACT

This study aimed to identify and describe the knowledge of nursing students about hormonal contraceptive methods reviewing scientific productions. It was an integrative literature review, performed in the databases: Scientific Electronic Library Online (Scielo), Periodicals, Virtual Health Library, Google Scholar, covering articles published between 2010 and 2020. In the end, 14 articles were selected because were in accordance with the inclusion and exclusion criteria and answered the objectives. The research pointed that oral hormonal contraceptive was the most known method, as well as more used by undergraduate nursing students, but there are questions and misinformation about contraceptive methods, especially related to sexual transmitted infections protection and abortion. As future professionals, those questions should be clarified because the nursing have important role in society as health educators.

Descriptors: Knowledge; Hormonal contraceptives; Nursing; Nursing students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cartela do anticoncepcional hormonal oral.....	11
Figura 2- Anticoncepcional de emergência.....	12
Figura 3-Contraceptivo injetável.....	12
Figura 4- Anel Vaginal.....	13
Figura 5- Adesivo transdérmico.....	13
Figura 6- SIU-LNG- Sistema Intrauterino liberador de levonorgestrel.....	14
Figura 7- Implante subcutâneo.....	14
Figura 8- Fluxograma representativo da metodologia de exclusão e inclusão dos artigos neste estudo.....	19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos estudos de acordo com o período de 2011 a 2019, conforme título e autor e data da publicação.....	19
Tabela 2: Artigos que abordaram o período do curso influenciar ou não o conhecimento, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....	22
Tabela 3: Artigos que identificaram o método contraceptivo mais conhecido e mais utilizado, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....	24
Tabela 4: Artigos que abordaram o tema mecanismo de ação dos CHO, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....	28
Tabela 5: Artigos que discutiram o tema conhecimento sobre os efeitos adversos, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....	30
Tabela 6: Artigos que abordaram a relação CHO e IST's, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....	33
Tabela 7: Artigos que analisaram o tempo correto de uso do contraceptivo de emergência, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....	34
Tabela 8: Artigos que discutiram sobre o mecanismo de ação do contraceptivo de emergência, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....	38
Tabela 9: Artigos que citaram o tema contraceptivo de emergência e as infecções sexualmente transmissíveis, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....	40

Tabela 10: Artigos que abordaram o implante subcutâneo, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.....42

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Conhecimento sobre contracepção e a enfermagem.....	15
2. OBJETIVOS	17
2.1 Objetivos gerais	17
2.2 Objetivos específicos.....	17
3. METODOLOGIA	18
3.1 Procedimento para coleta de dados: busca da literatura.....	18
3.2 Seleção e Análise.....	19
4. RESULTADOS	23
5. DISCUSSÃO	42
6. CONCLUSÃO	47
7. REFERÊNCIAS	48

1. INTRODUÇÃO

Anticoncepção corresponde ao uso de métodos e técnicas com a finalidade de impedir que o relacionamento sexual resulte em gravidez indesejada. É um recurso do Planejamento Familiar, para a constituição de prole desejada e programada de forma consciente e segura (FEBRASCO, 2015). A utilização de qualquer método constitui produto de decisão consciente das relações existentes entre os vários subprocessos experimentados pelos indivíduos em sua vida, mais especificamente, em um relacionamento sexual (GUIMARÃES, 2003). De acordo com Reis e Marconi (1996), a forma como o indivíduo vivencia esse processo é fortemente influenciada por seu conhecimento sobre métodos contraceptivos (apud GUIMARÃES, 2003).

Atualmente, os contraceptivos hormonais são métodos muito utilizados entre as mulheres, tanto para prevenção de gravidez, quanto para regulação do ciclo menstrual (BRASIL, 2006; FERRARI, ANDRADE, 2015).

Sobre mecanismo de ação dos contraceptivos hormonais:

O hormônio liberador de gonadotrofina (GnRH) que é sintetizado pelo hipotálamo, estimula a liberação de dois hormônios pela hipófise: o hormônio folículo estimulante (FSH), e o hormônio luteinizante (LH). O FSH estimula o desenvolvimento dos folículos ovarianos e a produção de estrógeno pelas células foliculares. Enquanto o LH desencadeia a ovulação (age na liberação do ovócito secundário) estimulando as células foliculares e o corpo lúteo a produzirem progesterona. O estrógeno age principalmente na regulação do desenvolvimento e do funcionamento dos órgãos reprodutivos; e a progesterona, na estimulação das glândulas endometriais a secretar e preparar o endométrio para implantação do blastocisto. Quando o ovócito não é fecundado, o corpo lúteo começa a regredir e a degenerar cerca de 10 a 12 dias após a ovulação; os níveis de estrógeno e progesterona caem e o endométrio secretor entra numa fase isquêmica ocorrendo a menstruação (MOORE; PERSAUD, 2000).

No momento que se inicia a ingestão da pílula:

O esteroide responsável pelo efeito contraceptivo é o progestagênio, inclusive nas pílulas combinadas. Entre suas principais ações estão o bloqueio da liberação pulsátil do LH pela hipófise inibindo a ovulação, a inibição da síntese dos receptores de progesterona, a diminuição da quantidade e da espessura do muco cervical, a redução no número e no tamanho das glândulas endometriais e a diminuição da atividade ciliar das tubas, além da degradação funcional e estrutural prematura do corpo lúteo. A associação do estrogênio nas pílulas combinadas justifica-se para manter ciclos regulares de sangramento por privação hormonal assemelhando aos ciclos menstruais fisiológicos e para estabilização endometrial, além da diminuição da produção da FSH, inibindo o desenvolvimento folicular (DI BELLA, 2017).

A utilização dos métodos hormonais vem acompanhada de vários benefícios como a redução no risco de cistos ovarianos, câncer ovariano e endometrial e doença

mamária benigna; uma menor incidência de doença inflamatória pélvica (DIP) e gravidez ectópica (tubária); melhora dos sintomas pré-menstruais, da dismenorreia e da endometriose, e diminuição do fluxo no ciclo menstrual (MENDONÇA e RODRIGUES, 2017). Segundo Oliveira et al (2017), pode-se citar os seguintes efeitos colaterais: náusea, cefaleia, aumento do tamanho das mamas, retenção hídrica, ganho de peso rápido e cíclico, diminuição da libido, e alguns riscos devem ser salientados, como trombose venosa profunda (TVP), acidente vascular encefálico (AVE) e infarto agudo do miocárdio (apud ALBURQUERQUE, 2018, p 35).

Segundo Kunde et al. (2006), as vias e as modalidades de contraceptivos hormonais mais utilizadas são: via hormonal oral - anticoncepcional combinado; anticoncepcional só de progestagênio (minipílulas e anticoncepcional de emergência) - e via hormonal parenteral - via intrauterina (SIU-LNG); via intramuscular (injetável); via vaginal (anel vaginal); via transdérmica (adesivo semanal) e via subdérmica (implantes).

Os anticoncepcionais orais combinados são componentes que contêm dois hormônios sintéticos, o estrogênio e o progestagênio semelhantes aos produzidos pelo ovário da mulher. Eles são preferencialmente indicados em mulheres saudáveis, não fumantes, com menos de 35 anos de idade. Isso porque muitos dos efeitos nocivos desses fármacos se expressam predominantemente quando há condições adicionais de risco, como fumo, idade além de 35 anos, obesidade e hipertensão (WENDER, et al, 2011; BERAL, 1999). As minipílulas contêm apenas progestagênio, elas estão indicadas quando há intolerância ou contraindicação formal ao uso de estrogênios e durante a amamentação, pois não inibem a produção de leite. No caso dos dois tipos dos contraceptivos orais devem ser tomados de forma regular, respeitando rigorosamente o horário de tomada (WENDER et al, 2011).

Em torno de 18% das mulheres casadas ou unidas alguma vez usaram os anticoncepcionais hormonais orais, sendo a proporção de 75% nos países em desenvolvimento, o que representa milhões de mulheres em uso em todo o mundo, incluindo o Brasil (BAHAMONDES, et al, 2011). Os anticoncepcionais tiveram um impacto revolucionário na sociedade global, forneceram pela primeira vez na história, um meio de contracepção conveniente, de custos baixos e seguros para o planejamento familiar e para evitar gestações não desejadas (HARDMAN, J.G; LIMBIRD, L. E; GILMAN, A. G, 2006).

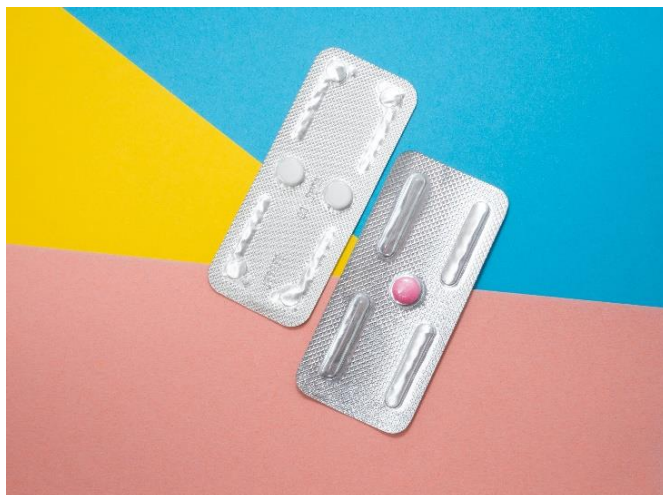
Figura 1: Cartela do anticoncepcional hormonal oral.



Fonte: Unsplash.

Quanto o anticoncepcional de emergência é um método que pode ser utilizado por mulheres nos dias após um intercurso sexual desprotegido e que poderia ocasionar a elas uma gestação indesejada (FEBRASCO, 2015). Esse método pode ser oferecido de duas maneiras. A primeira, conhecida como método de Yuzpe, trata-se de uma combinação de estrogênio e um progestagênio sintético, e a segunda forma é composta exclusivamente por progestagênio isolado, o levonorgestrel (BRASIL, 2011).

Figura 2: Anticoncepcional de emergência.



Fonte: Unsplash.

Em relação aos contraceptivos injetáveis podem ser encontrados na forma combinada, composto por estrogênio e progestagênio, especialmente recomendada para pacientes com dificuldade de aderir à tomada diária do anticoncepcional oral. São aplicados a cada 30 dias, com auxílio de uma seringa e injetado em uma região

intramuscular profunda (WENDER et al, 2011). Como também, existe o anticoncepcional injetável trimestral, composto apenas por progestagênio, possui uma alta eficácia e tem menos probabilidade de efeitos colaterais, pois não há estrogênio na composição. Os anticoncepcionais trimestrais podem ser usados no pós-parto e durante a lactação, na presença de amenorreia, e não apresenta interação medicamentosa (PAZ; DITTERICH, 2009).

Figura 3: Contraceptivo injetável.



Fonte: Unsplash.

O anel vaginal é um método contraceptivo hormonal combinado constituído de um anel flexível e transparente que contém estrogênio e progestagênio (WENDER, et al, 2011). Na sua forma de utilização tradicional, o anel vaginal deverá ser colocado pela própria paciente entre o primeiro e o quinto dia do ciclo menstrual (FEBRASCO, 2015). A taxa de falha, o perfil de efeitos adversos e as contraindicações são similares aos contraceptivos combinados orais (WENDER, et al, 2011).

Figura 4: Anel vaginal



Fonte: Unsplash.

Já o adesivo transdérmico é um sistema fino, tipo matriz, que consiste em três camadas que contém estrogênio e progestagênio, que permite um esquema de dosagem mais prático e simples que o dos anticoncepcionais orais, com aplicação semanal, por três semanas consecutivas, seguidas de uma semana sem aplicação (WEISBERG et al, 2005). O adesivo deve ser colocado sobre a pele limpa e seca, podendo ser aplicado no abdome inferior, na parte externa do braço ou na parte superior das nádegas (WENDER, et al, 2011).

Figura 5: Adesivo transdérmico



Fonte: Shutterstock.

O SIU-LNG 20 é um endoceptivo, ou seja, um sistema intrauterino que libera hormônio. Tem 32 mm de comprimento e sua haste vertical é revestida com um cilindro de polidimetilsiloxano, contendo 52 mg de levonorgestrel. O período mínimo de eficácia do SIU-LNG 20 é de cinco anos, e sua troca é recomendada após esse período. O mecanismo de ação é sobre o muco cervical, com efeitos endometriais, inibição da motilidade espermática, reação a corpo estranho, mecanismos moleculares e efeito mínimo no eixo hipotálamo-hipófise-ovariano (WENDER, et al, 2011).

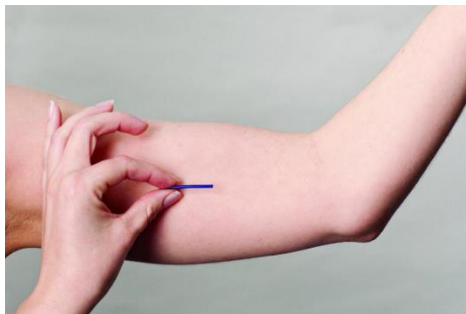
Figura 6: SIU-LNG- Sistema Intrauterio liberador de levonorgestrel.



Fonte: Unsplash.

O implante subdérmico consiste em dispositivos contendo progestagênio como o etonogestrel (Implanon) e o levonorgestrel (Norplant). O implante de etonogestrel é composto de bastonete único, que contém aproximadamente 68 mg de etonogestrel e tem duração de aproximadamente três anos. O implante deve ser introduzido pelo médico com um aplicador específico (acompanha o produto) sob anestesia local no consultório (WENDER, et al, 2011).

Figura 7: Implante subcutâneo



Fonte: Shutterstock.

1.1 Conhecimento sobre contracepção e enfermagem

O conhecimento sobre métodos contraceptivos pode contribuir para que os indivíduos escolham o que é mais adequado ao seu comportamento sexual e condições de saúde, bem como para seu uso de forma correta. Assim, esse conhecimento deve estar relacionado à prevenção da gravidez indesejada, do aborto provocado, da mortalidade materna e de outros agravos à saúde relacionados à morbi-mortalidade

reprodutiva (VIERA et al, 2002). Com isso, a liberdade de escolha é fundamental, sendo que, para optar por um método contraceptivo de forma livre e informada, as mulheres precisam conhecer e ter acesso a eles (ANDRADE E SILVA, 2017). Orientar e fornecer informações sobre a saúde reprodutiva da mulher é um trabalho educativo importante (ALMEIDA e ASSIS, 2017).

O Ministério da Saúde, fundamentado na lei do planejamento familiar - Lei nº. 9.263 de 12 de janeiro de 1996 -, determina como competência dos profissionais de saúde, assistir em concepção e contracepção. É parte do trabalho dos profissionais de saúde empenhar-se em informar os indivíduos sobre as opções para o planejamento familiar, destacando a oferta dos métodos anticoncepcionais autorizados e disponíveis no Brasil (BRASIL, 2014).

A atuação dos enfermeiros no planejamento familiar é muito importante, pois trabalham no auxílio aos indivíduos e/ou casais a compreenderem as opções de métodos contraceptivos disponíveis, acolhendo e aconselhando-os, com base nos conhecimentos adquiridos durante a formação, podendo, assim, através de estratégias e ações de educação em saúde reprodutiva sanar as dúvidas que venham dificultar as tomadas de decisões sobre o planejamento familiar (CASARIN e SIQUEIRA, 2010). Segundo Barbieri (1996) e Hoga (1996), algumas pesquisas revelam que, quanto melhor for a qualidade da orientação prestada, maior será a adequação na escolha, satisfação, aceitabilidade e continuidade no uso do método anticoncepcional (apud CAMIÁ; MARIN; BARBIERI, 2001).

Se a enfermagem tem uma grande importância nessa assistência, logo é necessária uma formação acadêmica de qualidade que proporcione um amadurecimento pessoal e profissional dos alunos, permitindo ter uma visão ampliada do indivíduo que será atendido por eles e, com isso, traçar estratégias que melhor se adequam em sua vida. Além da necessidade de avaliar esse conhecimento para formar profissionais qualificados, poucos estudos têm avaliado o conhecimento adquirido na graduação sobre os contraceptivos hormonais, por isso a importância dessa pesquisa.

2. Objetivo Geral

Esta pesquisa visa revisar artigos publicados sobre o conhecimento dos alunos e alunas de enfermagem sobre os contraceptivos hormonais.

2.1.Objetivos Específicos

- Identificar o método contraceptivo hormonal mais conhecido e utilizados pelos acadêmicos;
- E descrever os conhecimentos dos acadêmicos de enfermagem sobre os contraceptivos hormonais e seus efeitos adversos.

3. Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que tem como objetivo a análise ampla da literatura, como propósito em obter relevante entendimento sobre determinado evento baseando-se em estudos realizados anteriormente, para deste modo, sintetizar resultados obtidos sobre o tema aprofundado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Surgiu dos questionamentos: Algum artigo identificou que alunas sabem mais do que alunos (ou vice-versa) sobre os contraceptivos? Há diferença de conhecimento sobre anticoncepção entre períodos no curso? Qual é o método mais conhecido e mais utilizado pelas alunas? Qual é o conhecimento dos alunos e alunas sobre o mecanismo de ação dos contraceptivos hormonais oral (CHO)? Qual é o entendimento dos alunos de enfermagem sobre os efeitos adversos dos CHO? E a relação CHO e infecções sexualmente transmissíveis (IST's), como está a compreensão dos alunos sobre esse tema? A respeito do contraceptivo de emergência, qual é o conhecimento sobre o tempo de uso e sobre o mecanismo de ação? Qual é o conhecimento sobre o contraceptivo de emergência e IST's? Em relação ao implante subcutâneo, o que os alunos sabem sobre esse método?

Além disso, buscou-se discutir qual é nível do conhecimento dos alunos de enfermagem sobre os contraceptivos hormonais e como isso pode afetar em sua atuação como futuro enfermeiro.

3.1. Procedimento para Coleta de Dados: busca da literatura.

Foi realizada busca de dados nos seguintes bancos eletrônicos: Scientific Electronic Library Online (Scielo), Periódicos, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google Acadêmico. Utilizou-se os descritores: conhecimento, contraceptivo hormonal, enfermagem, estudantes de enfermagem, nos idiomas inglês e português.

Foram incluídos artigos entre os anos de 2010 a 2020, cuja metodologia permitisse obter evidências claras acerca da temática: estudos que apresentavam como tema principal conhecimento sobre os contraceptivos hormonais e a amostra ter estudantes de enfermagem. O tema foi analisado por meio da leitura do título do artigo e do resumo.

Foram excluídos artigos que não tinham como assunto principal os contraceptivos hormonais, artigos que não possuíam clareza na descrição de seu estudo, artigos duplicados, artigos que em seu resumo não continham conteúdo associado ou interligado ao tema, artigos que não possuíam boa delimitação metodológica e artigos que não possuíam texto completo disponível online (Figura 8).



Figura 8 - Fluxograma representativo da metodologia de exclusão e inclusão dos artigos neste estudo.

3.2 Seleção e Análise

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 14 artigos (Quadro 1) identificados pela letra A seguido de numeral (A1, A2, A3, até A14). Eles foram categorizados e sumarizados. Após este processo foram distribuídos, observando-se: seus objetivos, metodologia e resultados obtidos (Quadro 2). O resultado e discussão dos dados obtidos foram feitos de forma descritiva a fim de facilitar ao leitor a avaliação da finalidade da revisão integrativa elaborada, de formar a atingir o objetivo.

Tabela 1: Distribuição dos estudos de acordo com o período de 2011 a 2019, conforme título e autor e data da publicação.

Título	Autor
A1. Avaliação do conhecimento e da prática anticoncepcional de universitárias de enfermagem relacionando com o nível de formação.	SOUZA et al, 2014.
A2. Conhecimento dos estudantes da área da saúde acerca dos riscos dos anticoncepcionais hormonais.	LIMA et al, 2019.
A3. Perfil do uso de métodos anticoncepcionais entre as estudantes dos cursos da área da saúde na Universidade Federal do Tocantins do campus universitário de Palmas.	BORBA et al, 2017.
A4. Anticoncepção de emergência: conhecimento e atitude de acadêmicos de enfermagem.	VELOSO et al, 2014.
A5. Conhecimento e utilização da Contracepção de Emergência por acadêmicos de enfermagem.	BATAGLIÃO et al, 2011.
A6. Conhecimento de métodos contraceptivos por universitários da área de saúde.	SEABRA et al, 2012.
A7. Conhecimentos sobre métodos contraceptivos de acadêmicos de enfermagem da faculdade montes belos, em São Luís de Montes Belos-Go.	SILVA et al, 2015.
A8. Conhecimento de acadêmicas de enfermagem sobre o uso da contracepção de emergência	SILVA et al, 2017.
A09. A study of knowledge and attitude of nursing students towards emergency contraception	JOGDAND, YERPUDE, 2013.
A10. Nursing Students' Knowledge, Attitude and Use regarding an Implanted Contraceptive Method	UKOHA, MOOI, 2019.
A11. Determinants of Pre-service Knowledge and Use of Emergency Contraception by Female Nursing and Midwifery Students in Northern Nigeria.	ASHIMI ET AL, 2017
A12. Conocimiento métodos anticonceptivos en	PUERTA ET AL, 2011.

estudantes de pregrado.	
A13. The use, knowledge and attitudes regarding hormonal contraceptive products of female first-year students in a Faculty of Health Sciences.	ZYL ET AL, 2019.
A14. Avaliação do grau de conhecimento de universitárias sobre o uso de contraceptivo de emergência	CAMARGO ET AL, 2016.

4. Resultados

Apesar da grande quantidade de artigos encontrados, a necessidade da amostra ter estudantes de enfermagem restringiu os artigos a serem escolhidos, resultando em poucos artigos para serem analisados e, com isso, limitando a avaliação dos resultados.

Foram selecionados 14 artigos, dos quais nove foram escritos em português, quatro em inglês e um em espanhol. Com relação a origem dos estudos: nove são do Brasil, um da Índia, três são do Continente Africano (Nigéria, KwaZulu-Natal, Bloemfontein), e um da Colômbia, e utilizaram como metodologia, estudo transversal, descrito e quantitativo.

Ao todo, 2.585 alunos participaram dos estudos, sendo que 2.387 são do sexo feminino e 189 são do sexo masculino, podendo visualizar um número alto de mulheres nos cursos da saúde, principalmente no curso de enfermagem.

Não houve nenhum estudo que destacou menor ou maior conhecimento dos alunos em relação as alunas.

Sobre o período do curso influenciar ou não o conhecimento sobre os contraceptivos hormonais, os artigos de Souza e colaboradores (2014) e Puerta e colaboradores (2011) abordaram esse assunto.

Tabela 2. Artigos que abordaram o período do curso influenciar ou não o conhecimento, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
Souza et al.	2014	Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem quantitativa, realizado nas Faculdades Unidas do Vale do	O objetivo do estudo foi avaliar o conhecimento e a prática anticoncepcional em	Evidenciou-se que 72% das alunas de 2º ano e 59% das alunas do 4º ano relataram fazer uso de métodos contraceptivos. As últimas revelaram ter mais conhecimento sobre esses métodos com relação à ocorrência de possíveis efeitos

		<p>Araguaia – UNIVAR - na cidade de Barra do Garças-MT. A amostra foi composta por 76 acadêmicas matriculadas no 2º e 4º ano do Curso de Enfermagem.</p>	<p>universitárias do curso de enfermagem, questionando alguns conceitos básicos da fisiologia feminina, o correto uso e ação dos métodos contraceptivos hormonais.</p>	<p>colaterais do que as do 2º ano, sendo respectivamente 100% e 77,8%. Como também, evidenciou-se que as entrevistadas em ambos os anos do Curso de Enfermagem disseram conhecer e saber como usar os anticoncepcionais hormonais, porém as respostas mais corretas se concentraram no 4º ano, ou seja, último ano do curso.</p>
Puerta et al	2011	<p>A pesquisa que foi realizada no âmbito de um estudo de natureza quantitativa, descritiva e transversal. Participaram 72 pessoas, com uma amostra correspondente a 9 pessoas de cada semestre letivo, de ambos os sexos, com idade entre 16 e 30 anos, pertencentes ao curso de enfermagem do primeiro ao oitavo semestre.</p>	<p>Este estudo determinou o conhecimento sobre métodos contraceptivos em estudantes de enfermagem do primeiro ao oitavo semestre.</p>	<p>Os resultados obtidos evidenciaram que nos primeiros semestres o conhecimento encontrado nos alunos é percentualmente menor que os semestres próximos ao final do ciclo letivo, onde é possível visualizar o grau de influência que a instituição apresenta a favor da modelagem e modificação do conhecimento comumente apresentado neste tipo de tema, sendo este fator um seguro educacional para benefício pessoal e comunitário.</p>

Os artigos que identificaram o método contraceptivo mais conhecido e mais utilizado foram de Souza et al, 2014; Borba et al, 2017; Seabra et al, 2012; Silva et al, 2017; e Zyl et al, 2019.

Tabela 3. Artigos que identificaram o método contraceptivo mais conhecido e mais utilizado, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
Souza et al	2014	Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem quantitativa, realizado nas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia – UNIVAR - na cidade de Barra do Garças-MT. A amostra foi composta por 76 acadêmicas matriculadas no 2º e 4º ano do Curso de Enfermagem.	O objetivo do estudo foi avaliar o conhecimento e a prática anticoncepcional em universitárias do curso de enfermagem, questionando alguns conceitos básicos da fisiologia feminina, o correto uso e ação dos métodos contraceptivos hormonais.	O tipo de anticoncepcional mais utilizado pelas alunas, nos dois anos, até o momento da entrevista, foi o ACO, seguido pelo injetável e o uso de DIU (Dispositivo Intrauterino). No 2º ano a frequência da opção pelo uso do ACO ou Injetável foi maior que os valores encontrados no 4º ano. Entretanto, com relação ao DIU, esses valores se inverteram, sendo seu uso maior no 4º do que no 2º ano.
Borba et al,	2017	Estudo transversal, de caráter quantitativo e finalidade descritiva, sendo abordadas 277 mulheres dos cursos de graduação na área de saúde (medicina,	Pesquisar e descrever o perfil epidemiológico e o conhecimento sobre anticoncepcionais	Após a análise dos questionários, o ACO é o método contraceptivo mais utilizado no mundo. Em nossa amostra, esse dado foi ainda mais significativo, sendo que das 173 estudantes que

		enfermagem e nutrição) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Palmas.	dentre as estudantes dos cursos de saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT).	referiram utilizar algum método anticoncepcional, 150 (86,7%) apontaram o ACO como método isolado ou associado a camisinha.
Seabra et al	2012	Estudo descritivo com metodologia quantitativa, realizado no Centro de Ciências da Saúde da UFPI, com população composta por 283 acadêmicos dos cursos de medicina e enfermagem.	Analisar o conhecimento sobre métodos contraceptivos por acadêmicos dos cursos de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal do Piauí - UFPI; estabelecer o grau de conhecimentos dos mesmos sobre os MACs	Quanto ao conhecimento sobre cada método em particular, a camisinha masculina (99,6%) e o anticoncepcional oral (96,5%) foram os mais citados, seguidos da Pílula do dia seguinte (92,9%), coito interrompido (92,6%), tabelinha (91,2%) e camisinha feminina (90,8%).
Silva et al	2015	A amostra do estudo foi composta por 127 acadêmicos que estavam devidamente matriculados do primeiro ao sétimo período Enfermagem da Faculdade Montes Belos – FMB.	Estudo descritivo exploratório de natureza quantitativa, que teve por objetivo avaliar o conhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem da Faculdade Montes Belos –	Sobre utilizar algum método contraceptivo atualmente, (67,71%) referiu utilizar, (24,4%) não utiliza e (7,87%) não ter relação. Dos que utilizam algum método, (55,55%) optam pelo anticoncepcional oral, (28,2%) preservativo masculino, (5,98%) anticoncepcional injetável, (4,27%)

			FMB sobre métodos contraceptivos.	laqueadura tubária, (1,7%) preservativo feminino e pílula de emergência.
Zyl et al	2019	Um estudo descritivo foi realizado durante os meses de agosto a outubro de 2017, visando todas as alunas do primeiro ano Faculty of Health Sciences at the University of the Free State Bloemfontein, África do Sul. A população-alvo incluiu todas as alunas do primeiro ano da Faculdade de Ciências da Saúde em 2017, e compreendeu 320 alunos dos seguintes cursos: Medicina (n = 114), Ciências da Radiação (n = 4), Fisioterapia (n= 22), Nutrição e Dietética (n = 12), Biocinética (n= 11), Terapia Ocupacional (n = 42), Optometria (n =25) e Enfermagem (n = 90).	Este estudo teve como objetivo avaliar o uso, o conhecimento e as atitudes em relação à contracepção hormonal de alunas do primeiro ano de vários cursos da área de saúde.	O principal tipo de contracepção hormonal usado foi anticoncepcional oral combinado (pílula), 86% das participantes afirmaram estarem usando no momento do estudo o anticoncepcional hormonal oral (pílula) e 86,5 % afirmaram já terem usado. A maioria dos participantes (33,2%) acreditam que a contracepção oral combinada é o anticoncepcional hormonal mais eficaz na prevenção da gravidez.

Em relação ao conhecimento dos alunos sobre o mecanismo de ação dos contraceptivos hormonais orais (CHO), os artigos de Souza et al, 2014; Lima et al, 2019; Seabra et al, 2012 avaliaram esse tópico.

Tabela 4. Artigos que abordaram o tema mecanismo de ação dos CHO, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
Souza et al	2014	Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem quantitativa, realizado nas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia – UNIVAR - na cidade de Barra do Garças-MT. A amostra foi composta por 76 acadêmicas matriculadas no 2º e 4º ano do Curso de Enfermagem.	O objetivo do estudo foi avaliar o conhecimento e a prática anticoncepcional em universitárias do curso de enfermagem, questionando alguns conceitos básicos da fisiologia feminina, o correto uso e ação dos métodos contraceptivos hormonais.	A importância de conhecer o mecanismo de ação dos anticoncepcionais é fundamental para o uso; quando questionadas sobre ele, o índice de respostas certas para a questão, foi elevado nas duas turmas. Entretanto, a turma do último ano (4º ano) demonstrou maior conhecimento sobre o mecanismo de ação dos anticoncepcionais (87,2%) que a do 2º ano (72%).
Lima et al	2019	Trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo transversal, com abordagem	O estudo avalia o conhecimento acerca dos riscos do uso do	Segundo os dados obtidos no artigo, os principais mecanismos de ação do anticoncepcional hormonal

		<p>quantitativa, desenvolvida na Universidade José do Rosário Vellano. Foi realizado com 210 acadêmicas dos cursos de saúde, sendo 57 da Medicina, 31 da Odontologia, 22 da Educação Física, 21 da Farmácia, 26 da Nutrição, 31 da Biomedicina e 22 da Enfermagem.</p>	<p>anticoncepcional hormonal combinado oral (ACO), por acadêmicas da área da saúde de uma Universidade de Minas Gerais.</p>	<p>combinado oral (ACO), selecionados pelos participantes foram a inibição da ovulação (93% alunos do 3 ano e 37% alunos do 1 ano) e controle do fluxo menstrual (62% alunos do 1 ano e 36% alunos do 3 ano) . Entretanto, também foram citados, embora que pela minoria, matar os espermatozoides (14% alunos do 3 ano e 12 % alunos do 1 ano) diminuição da motilidade tubária (7% dos alunos do 3 ano) e proteção de DSTs (7 % dos alunos do 3 ano) foram selecionadas por alguns deles.</p>
Seabra et al	2012	<p>Estudo descritivo com metodologia quantitativa, realizado no Centro de Ciências da Saúde da UFPI, com população composta por 283 acadêmicos dos cursos de medicina e enfermagem.</p>	<p>Analisar o conhecimento sobre métodos contraceptivos por acadêmicos dos cursos de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal do Piauí - UFPI; estabelecer o</p>	<p>Nesse artigo, quando os alunos foram questionados sobre a principal função do contraceptivo hormonal oral, ou seja, seu principal mecanismo de ação, 51,2% selecionaram que impede a ovulação, 25,1% não sabiam qual mecanismo principal, 15,2% selecionaram que impede a fixação do óvulo fecundado e 8,5% impede a</p>

			grau de conhecimentos dos mesmos sobre os MACs.	fecundação.
--	--	--	---	-------------

Quanto ao conhecimento sobre os efeitos adversos do CHO, os artigos de Lima et al, 2019; Borba et al, 2017; Silva et al, 2015; Zyl et al, 2019 discutiram acerca desse assunto.

Tabela 5. Artigos que discutiram o tema conhecimento sobre os efeitos adversos, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
Lima et al	2019	Trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo transversal, com abordagem quantitativa, desenvolvida na Universidade José do Rosário Vellano. Foi realizado com 210 acadêmicas dos cursos de saúde, sendo 57 da Medicina, 31 da Odontologia, 22 da Educação Física, 21 da Farmácia, 26 da Nutrição, 31 da Biomedicina e 22 da Enfermagem.	O estudo avalia o conhecimento acerca dos riscos do uso do anticoncepcional hormonal combinado oral (ACO), por acadêmicas da área da saúde de uma Universidade de Minas Gerais.	Sobre o conhecimento dos riscos do anticoncepcional hormonal combinado oral (ACO), os alunos, em específico de enfermagem, ao serem questionados sobre o risco de AVE aumentar quando há utilização do ACO, 57,3% dos alunos do terceiro ano marcaram que aumenta, 37,5% dos alunos do primeiro ano marcaram também que aumenta e 62,5% dos alunos do 1 ano marcaram que não sabiam, e os alunos do 3 ano, 42,9% selecionaram também que não sabiam responder.

Borba et al	2017	Estudo transversal, de caráter quantitativo e finalidade descritiva, sendo abordadas 277 mulheres dos cursos de graduação na área de saúde (medicina, enfermagem e nutrição) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Palmas.	Pesquisar e descrever o perfil epidemiológico e o conhecimento sobre anticoncepcionais dentre as estudantes dos cursos de saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT).	Após a análise, efeitos adversos dos anticoncepcionais hormonais assinalados pelas alunas foram náuseas (72%), infertilidade com o uso prolongado (24,2%), aumento de peso (62,4%), aumento do risco de efeitos tromboembólicos (67%), aumento do risco de doença coronariana quando relacionada com fatores de risco (43%) e diminuição da libido (28%).
Silva et al	2015	A amostra do estudo foi composta por 127 acadêmicos que estavam devidamente matriculados do primeiro ao sétimo período Enfermagem da Faculdade Montes Belos – FMB.	Estudo descritivo exploratório de natureza quantitativa, que teve por objetivo avaliar o conhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem da Faculdade Montes Belos – FMB sobre métodos contraceptivos.	O método mais utilizado entre os acadêmicos é o anticoncepcional oral, sendo este combinado com o preservativo masculino. Dos que conhecem sobre os efeitos adversos do anticoncepcional oral, (90,55%) possuem o conhecimento sobre esses efeitos e (9,44%) afirmaram não possuir o conhecimento desses efeitos.
Zyl et al	2019	Um estudo descritivo foi realizado durante os	Este estudo teve como objetivo avaliar o uso, o	Os efeitos colaterais relatados pelos participantes na contracepção hormonal

	<p>meses de agosto a outubro de 2017, visando todas as alunas do primeiro ano Faculty of Health Sciences at the University of the Free State Bloemfontein, África do Sul. A população-alvo incluiu todas as alunas do primeiro ano da Faculdade de Ciências da Saúde em 2017, e compreendeu 320 alunos dos seguintes cursos: Medicina (n = 114), Ciências da Radiação (n= 4), Fisioterapia (n= 22), Nutrição e Dietética (n = 12), Biocinética (n= 11), Terapia Ocupacional (n = 42), Optometria (n =25) e Enfermagem (n = 90).</p>	<p>conhecimento e as atitudes em relação à contracepção hormonal de alunas do primeiro ano de vários cursos da área de saúde.</p>	<p>incluiram ganho de peso (44,4%, 20/45), alterações de humor (28,9%, n = 13), sensibilidade mamária (26,7%, n = 12), aumento do apetite (24,4%, n = 11) e dores de cabeça (22,2%, n = 10). Menos de 20% relataram náuseas, retenção de água, manchas entre os períodos, depressão e escurecimento das sardas ou da pele do rosto.</p>
--	---	---	---

Acerca do conhecimento sobre a relação entre contraceptivos hormonais orais e as infecções sexuais transmissíveis. Apenas o artigo de Lima et al 2019, discutiu esse tema.

Tabela 6. Artigo que aborda a relação CHO e IST's, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
Lima et al	2019	Trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo transversal, com abordagem quantitativa, desenvolvida na Universidade José do Rosário Vellano. Foi realizado com 210 acadêmicas dos cursos de saúde, sendo 57 da Medicina, 31 da Odontologia, 22 da Educação Física, 21 da Farmácia, 26 da Nutrição, 31 da Biomedicina e 22 da Enfermagem.	O estudo avalia o conhecimento acerca dos riscos do uso do anticoncepcional hormonal combinado oral (ACO), por acadêmicas da área da saúde de uma Universidade de Minas Gerais.	Quando questionados sobre o anticoncepcional hormonal combinado oral aumentar o risco de contrair IST's ou proteger contra as infecções, 10,7 % dos alunos do 3 ano afirmaram que aumenta o risco, 25 % dos alunos do 1 ano marcaram que protege contra IST's, 7,2% dos alunos do 3 ano marcaram também que protege e 75% dos alunos do 1 ano marcaram não saber e 82,1% dos alunos do 3 ano também marcaram não saber.

A respeito do contraceptivo de emergência e seu tempo correto de uso, os artigos de Veloso et al, 2014; Silva et al, 2017; Jogdand, Yerpude, 2013; Ashimi et al, 2017; Camargo et al 2016 abordaram esse tópico.

Tabela 7. Artigos que analisaram o tempo correto de uso do contraceptivo de emergência, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
Veloso et al	2014	Utilizou-se a metodologia descritiva e analítica com abordagem quantitativa, com aplicação de questionário, de fevereiro a maio de 2011, sobre comportamento sexual e o conhecimento dos estudantes acerca da anticoncepção de emergência. Participaram do estudo 178 estudantes.	Objetivou-se identificar o conhecimento e a atitude em relação à anticoncepção de emergência de estudantes de enfermagem de uma universidade pública de Goiás	O conhecimento se confirmou pela alta frequência de acertos às perguntas, principalmente os referentes ao tempo correto e as indicações de uso (entre 86% - 96%). Apesar de muitos estudantes utilizarem esse método, ainda persistem algumas dúvidas quanto ao mecanismo de ação, efeitos colaterais e disponibilidade de acesso (frequência de acertos inferior a 50%).
Silva et al	2017	Trata-se de um estudo descritivo do tipo exploratório, com abordagem quantitativa,	O objetivo deste estudo é identificar o conhecimento e a utilização da anticoncepção de emergência entre as acadêmicas de	Participaram do mesmo 133 acadêmicas, com idade média de 24,9 anos, sendo maioria delas solteiras, 74,3% apresentando vida sexual ativa. Destas 69,7% referiram ter feito uso da pílula, o principal motivo, foi o não uso

		<p>durante o período de 2010 a 2015. O universo da pesquisa foi composto por 133 graduandas do sexo feminino que estudam do primeiro ao oitavo período do curso de enfermagem na Escola Superior de Saúde de Arcoverde (ESSA) do Município de Arcoverde-PE.</p>	<p>enfermagem.</p>	<p>de outro método durante a relação sexual, e administraram a pílula até 72 horas após o ato sexual. O conhecimento se confirmou na alta frequência de acerto principalmente referente ao tempo de uso, efeitos colaterais e finalidade.</p>
<p>Jogdand, Yerpude</p>	<p>2013</p>	<p>O estudo transversal realizado com 140 estudantes de enfermagem do primeiro e o segundo ano na Katuri College of Nursing, Guntur, Andhra Pradesh.</p>	<p>O presente estudo foi conduzido para explorar conhecimento e atitude sobre contraceptivo de emergência entre estudantes de enfermagem da Katuri College of Nursing, Guntur, Andhra Pradesh.</p>	<p>No presente estudo, 100% dos entrevistados conheciam o contraceptivo de emergência (CE). Apenas 57,86% dos alunos deram a resposta correta do tempo máximo aceitável de uso do contraceptivo de emergência.</p>

Ashimi et al	2017	Um estudo transversal de 317 alunas de enfermagem e obstetrícia selecionadas aleatoriamente em duas instituições de saúde no norte da Nigéria.	Este estudo determinou fatores associados ao conhecimento e uso da AE por alunas de enfermagem e obstetrícia no noroeste da Nigéria.	O conhecimento do anticoncepcional de emergência (AE) foi quase universal (n = 299/317; 94,3%). Além disso, 24,1% (72/317) não tinham conhecimento do correto momento para o uso do AE hormonal após uma relação sexual desprotegida.
Camargo et al	2016	Trata-se de um estudo quantitativo, do tipo transversal, para constatar grau de conhecimento a respeito da utilização do CE. Feito através de um questionário aplicado presencialmente pelos responsáveis da pesquisa. Foram entrevistadas 65 mulheres com idade entre 18 e 35 anos.	Esse estudo teve como objetivo buscar o perfil e grau de conhecimento das mulheres, universitárias, dos cursos de saúde, do Centro Universitário Padre Anchieta, Jundiáí-SP, que utilizam esse método anticoncepcional.	Quando questionado o momento correto do uso, ou seja, no máximo após 72 horas da relação sexual, 78% das alunas selecionaram a alternativa entre 1 ao 3 dias e 22% selecionaram qualquer momento após a relação sexual.

No que se refere ao assunto mecanismo de ação do contraceptivo de emergência, os artigos de Veloso et al 2014; Bataglião, Mamede, 2011; Ashimi et al, 2017 discutiram o tema.

Tabela 8. Artigos que discutiram sobre o mecanismo de ação do contraceptivo de emergência, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
Veloso et al	2014	Utilizou-se a metodologia descritiva e analítica com abordagem quantitativa, com aplicação de questionário, de fevereiro a maio de 2011, sobre comportamento sexual e o conhecimento dos estudantes acerca da anticoncepção de emergência. Participaram do estudo 178 estudantes.	Objetivou-se identificar o conhecimento e a atitude em relação à anticoncepção de emergência de estudantes de enfermagem de uma universidade pública de Goiás	O conhecimento se confirmou pela alta frequência de acertos às perguntas, principalmente os referentes ao tempo correto e as indicações de uso (entre 86% - 96%). Porém, apesar de muitos estudantes utilizarem esse método, ainda persistem algumas dúvidas quanto ao mecanismo de ação, efeitos colaterais e disponibilidade de acesso (frequência de acertos inferior a 50%). Quando questionados se o contraceptivo de emergência é um método abortivo, 54,4 % dos estudantes selecionaram que não e 41,5% afirmaram ser um método abortivo.
Bataglião e Mamede	2011	Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter quantitativo, da	O presente estudo que tem por objetivo informar as características de uma	No que se refere ao conhecimento em relação à ação da pílula de CE, a maioria, 296 (90,50%), disse que a ação da pílula é impedir a implantação do zigoto no

		qual fizeram parte os estudantes de enfermagem. A amostra foi de 327 alunos, média de idade de 21 anos, maioria do sexo feminino.	determinada população através da análise dos dados, de caráter quantitativo a respeito do conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre o contraceptivo de emergência.	endométrio. Já as outras ações (inibir a ovulação, provocar aborto e modificar o muco cervical) foram pouco respondidas com 7,0%, 8,2% e 10,7% respectivamente. Entre as alternativas possíveis, havia duas corretas (inibir a ovulação e modificar o muco cervical), que foram pouco respondidas, apenas por 58 (17,70%) alunos.
Ashimi et al	2017	Um estudo transversal de 317 alunas de enfermagem e obstetrícia selecionadas aleatoriamente em duas instituições de saúde no norte da Nigéria.	Este estudo determinou fatores associados ao conhecimento e uso do anticoncepcional de emergência (AE) por alunas de enfermagem e obstetrícia no noroeste da Nigéria.	O conhecimento do anticoncepcional de emergência (AE) foi quase universal (n = 299/317; 94,3%). Quando questionadas sobre seu modo de ação, 66,6% selecionaram que atrasa ou inibe a ovulação, 16,7% previne a fertilização, 8,7% previne a implantação, 8,4% causa aborto, 11,4% não sabiam.

Acerca do conhecimento sobre o contraceptivo de emergência e as infecções sexualmente transmissíveis. Dois artigos questionaram os alunos sobre o assunto, são eles o Jogdand e Yerpude, 2013 e o Ashimi et al, 2017.

Tabela 9. Artigos que citaram o tema contraceptivo de emergência e as infecções sexualmente transmissíveis, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
--------------	--------------------------	---------------	-----------------	-------------------

Jogdand e Yerpude	2013	O estudo transversal realizado com 140 estudantes de enfermagem do primeiro e o segundo ano na Katuri College of Nursing, Guntur, Andhra Pradesh.	O presente estudo foi conduzido para explorar conhecimento e atitude sobre contraceptivo de emergência entre estudantes de enfermagem da Katuri College of Nursing, Guntur, Andhra Pradesh.	No presente estudo, 100% dos entrevistados conheciam o contraceptivo de emergência (CE). Quando questionados sobre contraceptivo de emergência promove proteção contra as infecções sexualmente transmissíveis, 47,86% responderam corretamente e 52,14% responderam incorretamente a questão.
Ashimi et al	2017	Um estudo transversal de 317 alunas de enfermagem e obstetrícia selecionadas aleatoriamente em duas instituições de saúde no norte da Nigéria.	Este estudo determinou fatores associados ao conhecimento e uso da AE por alunas de enfermagem e obstetrícia no noroeste da Nigéria.	Sobre a pergunta onde questiona se o contraceptivo de emergência protege contra as infecções sexualmente transmissíveis, 21,1% responderam que protege, 71,9% responderam que não protege e 7% não souberam responder.

E sobre o implante subcutâneo, dois artigos abordaram esse método, um deles só teve o implante subcutâneo como método contraceptivo em suas perguntas. Os artigos foram de Ukoha, Mooi, 2019 e Puerta et al, 2011.

Tabela 10. Artigos que abordaram o implante subcutâneo, de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, metodologia, nº de participantes incluídos na pesquisa e resultados obtidos.

Autor	Ano de publicação	Método	Objetivo	Resultados
Ukoha, Mooi	2019	Estudo transversal descritivo quantitativo realizado com 60 estudantes de graduação em enfermagem, selecionados por meio da técnica de amostragem aleatória estratificada.	Este estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento, a atitude e a utilização do implante subcutâneo (Implanon) entre estudantes de graduação em enfermagem da Universidade KwaZulu-Natal, África do Sul	Nesse estudo, quando questionados se já ouviram falar do implante subcutâneo (Implanon), 58,3% dos entrevistados afirmaram que sim. A maioria dos respondentes, 70%, indicou saber onde o Implanon está inserido no corpo. Cerca de 48,3% relataram saber quanto tempo dura sua eficácia. 48,3% indicaram que o Implanon é fácil de usar, enquanto 56,7% concordaram que precisa de um profissional de saúde para ser removido. Um total de 73,3% das entrevistadas relatou não saber se esse método é adequado para mulheres nulíparas e 46,7% não souberam responder se interfere na relação sexual. Um total de 63,3% não sabia se uma pessoa retorna rapidamente à fertilidade após a remoção do implante e mais da metade dos entrevistados, 53,3%, não sabiam se o Implanon aumenta o risco de infertilidade e infecção,

				como também 60% e 56,7% não sabiam sobre se o Implanon era doloroso para remover e inserir, respectivamente
Puerta et al	2011	A pesquisa que foi realizada no âmbito de um estudo de natureza quantitativa, descritiva e transversal. Participaram 72 pessoas, com uma amostra correspondente a 9 pessoas de cada semestre letivo, de ambos os sexos, com idade entre 16 e 30 anos, pertencentes ao curso de enfermagem do primeiro ao oitavo semestre.	Este estudo determinou o conhecimento sobre métodos contraceptivos em estudantes de enfermagem do primeiro ao oitavo semestre.	As respostas obtidas durante a aplicação da pesquisa nas questões sobre implante subcutâneo, 42% não responderam afirmativamente as questões orientadas aos conceitos básicos de composição, mecanismos de ação e duração.

5. Discussão

Apesar das buscas terem apontado grande número de artigos inicialmente, poucos realmente foram incluídos e abordaram os objetivos traçados nesta pesquisa. Sobre o período do curso influenciar ou não o conhecimento sobre os contraceptivos hormonais. No artigo de Souza et al (2014) evidenciou que, apesar dos dois períodos do curso afirmarem conhecer e saber como usar os anticoncepcionais hormonais, as respostas mais corretas se concentraram no 4º ano, ou seja, último ano do curso. No artigo de Puerta et al (2011), observou-se que nos primeiros semestres o conhecimento observado pelas respostas dos alunos é percentualmente inferior comparado ao dos semestres próximos ao final do ciclo letivo. Então quanto mais próximo do final do curso, mais conhecimento esses alunos terão sobre o tema e se espera mais preparo e propriedade para falar sobre o assunto.

A partir da leitura dos artigos, o contraceptivo hormonal oral (CHO) foi o contraceptivo mais conhecido, como também mais utilizado pelas alunas de graduação de enfermagem (SOUZA et al, 2014; BORBA et al. 2017; SEABRA et al., 2012; SILVA et al, 2015; ZYL et al, 2019). Isso afirma que os contraceptivos hormonais são métodos muito utilizados entre as mulheres, tanto para prevenção de gravidez, quanto para regulação do ciclo menstrual (BRASIL, 2006).

Quanto ao conhecimento dos alunos sobre o mecanismo de ação do CHO, a maioria dos entrevistados responderam corretamente as perguntas feitas nos questionários. (SOUZA et al, 2014; LIMA et al, 2019; SEABRA et al, 2012). Entretanto, no artigo de Seabra et al, (2012), quando os alunos foram questionados sobre a principal função do contraceptivo hormonal oral, ou seja, seu principal mecanismo de ação, 51,2% selecionaram que impede a ovulação, 25,1% não sabiam qual mecanismo principal, 15,2% selecionaram que impede a fixação do óvulo fecundado e 8,5% impedem a fecundação. É importante enfatizar que esse método inibe o eixo hipotálamo-hipófise, impedindo a ovulação, além de modificar o muco cervical, tornando-o hostil à migração do esperma, altera o endométrio, e modifica a contratilidade das tubas, interferindo no transporte ovular (PAZ; DITTERICH, 2009).

A cerca do tópico sobre os efeitos adversos, a maioria dos entrevistados conheciam os efeitos, como náuseas, aumento de peso, aumento do risco de efeitos tromboembólicos, aumento do risco de doença coronariana quando relacionada com fatores de risco e diminuição da libido (LIMA et al, 2019; BORBA et al, 2017; SILVA et al, 2015; ZYL et al, 2019). No entanto, no artigo de Lima et al (2019), quando questionados acerca do risco de

desenvolver um AVE pelo uso de CHO, 42,9% dos alunos do 3º ano afirmaram não saber sobre o risco, e 62,5% dos alunos do 1º ano afirmaram também não saber. A associação do acidente vascular cerebral (AVC) isquêmico com o uso de CHO foi bem avaliada em muitos estudos. Foi visto em muitos resultados que havia uma maior prevalência de AVC em pacientes usuárias de anticoncepcionais, além de que foi observada uma relativa proteção em mulheres que interromperam o uso dessa droga (CARLINI, et al., 2011).

Como se sabe, os contraceptivos hormonais orais não evitam a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) entre os parceiros, e sim, fazem um controle hormonal que apenas evita uma eventual gestação indesejada pelo casal. Por isso, mesmo se a mulher estiver fazendo uso de pílulas anticoncepcionais, é recomendado o uso de preservativo em todas as relações sexuais, pois não estão imunes a transmissão das IST's, por esse contágio ser feito pelo contato com os fluídos (CUNHA; GALVÃO, 2011). No artigo de Lima et al (2019), quando questionados sobre o anticoncepcional hormonal combinado oral aumentar o risco de contrair IST's, 10,7 % dos alunos do 3º ano afirmaram que aumenta o risco, 25 % dos alunos do 1º ano marcaram que protege contra IST's, 7,2% dos alunos do 3º ano marcaram também que protege e 75% dos alunos do 1º ano marcaram não saber e 82,1% dos alunos do 3º ano também marcaram não saber sobre essa informação.

A respeito do contraceptivo de emergência e sobre o tempo em que ele deve ser usado, a frequência de acerto foi alta entre os estudantes. No artigo de Veloso et al (2014), houve 88,7 % de acerto. No artigo de Silva et al, (2017), 78% de acerto. No artigo de Camargo et al, (2016), 81,54% de acerto. E no artigo de Jogland, Yerpude, (2013), 57,86% de acerto. Porém, no artigo Ashimi et al, 2017, 55,9 % afirmaram que o prazo é até 24 horas. A eficácia dos métodos é maior quanto menor o tempo em que o primeiro comprimido é administrado após a relação sexual desprotegida. Sendo assim, recomenda-se a administração da primeira dose o quanto antes, preferencialmente, em um prazo de até 72 horas após a relação sexual. Entretanto, os efeitos são garantidos apenas se ocorrer administração das pílulas até cinco dias após a relação sexual (WANNMACHER, 2005; COSTA et al, 2008). No entanto, estudos demonstram que o efeito do contraceptivo de emergência no quarto e quinto dia após a relação sexual desprotegida apresenta taxas de eficácia significativamente menores (BRASIL, 2011).

Quanto ao mecanismo de ação do contraceptivo de emergência, a maioria dos alunos dos artigos selecionaram corretamente as afirmativas sobre o mecanismo de ação

(BATAGLIÃO, MAMEDE, 2011; ASHIMI et al, 2017). Entretanto, no artigo de Bataglião e Mamede, (2011), a maioria dos alunos, 296 (90,50%), afirmaram que a ação da pílula é impedir a implantação do zigoto no endométrio. Já as outras ações (inibir a ovulação, provocar aborto e modificar o muco cervical) foram também selecionadas com 7,0%, 8,2% e 10,7% respectivamente. Isso nos mostra que há uma falta de conhecimento por parte dos alunos a respeito da ação da pílula CE, pois, entre as alternativas possíveis, havia duas corretas (inibir a ovulação e modificar o muco cervical), que foram pouco respondidas, apenas por 58 (17,70%) alunos. Como também, no estudo de Veloso et al (2014), 41,57% dos estudantes consideram que um dos mecanismos de ação do CE é provocar aborto, podendo interromper a gravidez, mesmo que esta já tenha sido instalada. O contraceptivo de emergência atua inibindo ou retardando a ovulação, alterando o transporte do óvulo (altera a mobilidade tubária) e dos espermatozoides (inibe a última fase da maturação dos espermatozoides no organismo feminino) e modificando o muco cervical. Contudo, não atuam após a implantação do embrião, ou seja, não têm ação em mulheres grávidas, não se caracterizando, assim, como método abortivo (COSTA et al, 2008; LANGER, 2002).

No que se refere a questão sobre o contraceptivo de emergência e a relação com IST's No artigo de Jogdand e Yerpude, (2013), quando questionados se contraceptivo de emergência fornece proteção contra IST's, 52,14% dos estudantes responderam de forma errada e 47,86% responderam corretamente. E no artigo de Ashimi et al. (2017), 21,1% responderam que contraceptivo de emergência protege contra IST's, 71,9% responderam que não protege e 7,0% responderam incerto. Esse método deve ser empregado de modo ocasional e em situações específicas, pois principalmente não fornecer proteção contra as IST's, logo o profissional precisa orientar o paciente sobre essa exposição, e alertar sobre a necessidade do uso da camisinha na relação sexual, tanto para impedir uma gravidez indesejada, como também, para prevenir infecções sexualmente transmissíveis (WANNMACHER, 2005)

Em relação ao implante subcutâneo, no artigo da Ukoha e Mooi (2019), teve como tema único, o implante subcutâneo (Implanon), logo todas as perguntas se referiram a esse método. Nesse estudo, quando questionados se já ouviram falar do Implanon, 58,3% dos entrevistados afirmaram que sim. A maioria dos respondentes, 70%, indicou saber onde o Implanon está inserido no corpo. Cerca de 48,3% relataram saber quanto tempo dura sua eficácia. 48,3% indicaram que o Implanon é fácil de usar, enquanto 56,7% concordaram que precisa de um profissional de saúde para ser removido. Um total de 73,3% das entrevistadas relatou não saber se esse método é adequado para mulheres nulíparas e 46,7% não souberam

responder se interfere na relação sexual. Um total de 63,3% não sabia se uma pessoa retorna rapidamente à fertilidade após a remoção do implante e mais da metade dos entrevistados, 53,3%, não sabiam se o Implanon aumenta o risco de infertilidade e infecção, como também 60% e 56,7% não sabiam sobre se o Implanon era doloroso para remover e inserir, respectivamente. E no artigo do Puerta et al (2011) em relação ao implante, 42% não afirmaram saber sobre composição, mecanismo de ação e a duração desse método.

Todos os artigos ao final analisaram o nível do conhecimento dos alunos de enfermagem, e muitos deles destacaram que mesmo tratando de estudantes da área da saúde, eles não sabiam o suficiente sobre os métodos contraceptivos. Souza et al (2014), afirma que a porcentagem de erro é muito alta para um público em saúde. Lima et al (2019) concluiu que mesmo lidando com pessoas com maior instrução, ainda existem questões deficitárias que envolvem os riscos do uso do anticoncepcional hormonal.

Como também, no artigo Veloso et al (2014) afirmou que mesmo lidando com pessoas de um nível de escolaridade superior, na área da saúde, ainda se faz necessária a implantação de políticas educacionais no âmbito da sexualidade, fisiologia feminina, gravidez e métodos contraceptivos nessa população. Zyl et al (2019) traz o dado que 87,3% dos participantes acham que uma intervenção educativa sobre contracepção hormonal na universidade é necessária.

No artigo de Borba et al (2017), os próprios alunos (50%) afirmaram não saber o suficiente sobre os métodos contraceptivos enquanto estudantes da área da saúde. Considerando que, além de estudantes da área e usuárias de métodos contraceptivos hormonais em sua maioria, serão futuras promotoras de saúde, deve-se ressaltar a necessidade de mais ações voltadas para a educação em saúde da mulher, além de conscientização dos profissionais sobre a importância de fornecer orientações adequadas referentes ao método contraceptivo prescrito.

Seabra et al (2012) evidenciou também que estudantes da área de saúde, apesar de terem todo acesso a manuais técnicos e informações vastas acerca de variados MACs e relataram conhecimento sobre estes, revelam conceitos equivocados acerca deles, o que se pode concluir que existem lacunas nas ações de saúde e educação voltadas para a vida sexual e reprodutiva dos jovens, chamando a atenção para a importância de que se aposte na educação sexual como estratégia da saúde sexual e reprodutiva.

6. Conclusão

Há pouca literatura sobre o tema, apesar de ser de grande importância para a saúde reprodutiva da mulher, com isso, os poucos resultados encontrados limitam a interpretação deles. Os estudos apontaram que existem dúvidas e informações errôneas em relação aos contraceptivos hormonais. Sendo futuros profissionais da saúde, essas questões e informações erradas devem ser esclarecidas, pois a enfermagem tem um papel importante na sociedade, como educador em saúde.

Como profissional, conhecer os métodos contraceptivos corretamente proporciona uma transmissão de conteúdo qualificada para os ouvintes e como consequência, esses ouvintes irão selecionar melhor qual método se adequa mais ao seu estilo de vida e assim permitindo ter uma vida sexual ativa, sem resultar em gravidez não planejada. Como também, ter conhecimento sobre o tema, principalmente sobre os efeitos adversos, permite o enfermeiro informar e esclarecer efeitos que podem afetar a saúde e o bem-estar do paciente. Além de futuros educadores, os alunos e alunas também usaram ou usam contraceptivo hormonal e ter o entendimento sobre esse conteúdo, possibilita uma melhor escolha para sua vida pessoal.

Então, faz-se necessário o incentivo a implementação de estratégias para que esse tema seja mais abordado nas universidades, e que esse conhecimento seja passado para frente, pois sexualidade, prevenção contra IST's e gravidez indesejada são questões que vão muito além de um consultório, pois a falta de esclarecimento para uma população de temas importantes como esses e afetam em grandes proporções suas vidas.

7. Referências

ALBUQUERQUE, J. S. **Métodos anticoncepcionais reversíveis: uma revisão**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Farmácia) - Universidade Federal de Campina Grande, CUITÉ – PB. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/6730>

ALMEIDA, A. P. F; ASSIS, M. M. **Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais**. Revista Eletrônica Atualiza Saúde, Salvador, v. 5, n°5, p. 85-93, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/view/594/233>

ANDRADE, E. C; SILVA, L. R. **Planejamento familiar: uma questão de escolha**. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 11, n° 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46874>

ASHIMI, A. O. et al. **Determinants of Pre-service Knowledge and Use of Emergency Contraception by Female Nursing and Midwifery Students in Northern Nigeria**. Journal of Basic and Clinical Reproductive Sciences, vol.6, issue 1, Jan/June. 2017. Disponível em: <https://www.jbcrs.org/articles/Determinants-of-Preservice-Knowledge-and-use-of-Emergency%20Contraception-by-Female-Nursing-and-Midwifery-Students-in%20Northe.pdf>

BAHAMONDES, L.; et al. **Fatores associados à descontinuação do uso de anticoncepcionais orais combinados**. Revista Brasileira de Ginecologia Obstetrícia. Rio de Janeiro, v.33, n.4, p. 303-309, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032011000600007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

BATAGLIÃO, E. M. L; MAMEDE, F. V. **Conhecimento e utilização da Contracepção de Emergência por acadêmicos de enfermagem**. Escola Anna Nery, vol.15 n°2 Rio de Janeiro, p.284-290, abril/junho 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000200010

BERAL, V. et al. **Mortality associated with oral contraceptive use: 25 year follow up of cohort of 46000 women from Royal College of General Practitioners oral**

contraception study. BMJ, v. 318, p. 96-100, 1999. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/318/7176/96>

BORBA, C. R. et al. **Perfil do uso de métodos anticoncepcionais entre as estudantes dos cursos da área da saúde na Universidade Federal do Tocantins do campus universitário de Palmas.** Amazônia: Science & Health, v. 5, n. 2, p. 08-14, 2017. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/1641>

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Anticoncepção de emergência: perguntas e respostas para profissionais de saúde.** Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. Pesquisa nacional de demografia e saúde da criança e mulher (PNDS), 2006. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/pnds/atividade_sexual.php.

BRASIL. Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9263.htm; abril - 2014.

CAMARGO, L. F. et al. **Avaliação do grau de conhecimento de universitárias sobre o uso de contraceptivo de emergência.** Scientific Electronic Archives, vol 9, nº 5, nov, 2016. Disponível em: <https://sea.ufr.edu.br/SEA/article/view/277/pdf>

CAMIÁ, G. E. K, MARIN, H.F, BARBIERI, M. **Diagnósticos de enfermagem em mulheres que frequentam serviço de planejamento familiar.** Rev. Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, vol.9 nº.2, março/abril, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692001000200004&script=sci_arttext&tlng=pt

CARLINI, B. C; GAZAL, C. C; GOUVEIA, N. **Comportamento de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana de São**

Paulo. Revista de Saúde Pública São Paulo, vol.34 n°6, p. 636-645, dezembro 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102000000600012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

CASARIN, S. T.; SIQUEIRA, H. C. H. **Planejamento familiar e os direitos reprodutivos: a produção científica da enfermagem.** Revista de Enfermagem UFPE, v. 4, n°1, p. 350-359, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5869>

COSTA, N. F. P. et al. **Acesso à anticoncepção de emergência: velhas barreiras e novas questões.** Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, Rio de Janeiro, vol.30 no.2, p.55-60, fev 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-72032008000200002&script=sci_arttext

CUNHA, G. O; GALVÃO, M. T. G. **Métodos contraceptivos e de prevenção da transmissão/reinfecção do vírus entre portadores de HIV/AIDS.** Revista Rene, Fortaleza, v. 12, n. 4, p. 699-708, outubro/dezembro, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027977006.pdf>

DI BELLA, Z. I.K.J. **Contraceptivos Orais.** In: Tratado de Ginecologia, 1° edição, Rio de Janeiro, Atheneu, p. 1322-1329, 2017.

FEBRASGO – Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia **MANUAL DA ANTICONCEPÇÃO.** São Paulo, 2015. 143 p. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/494569/>

FERRARI, D. N.; ANDRADE, T. C. S. **Efeitos do uso de Contraceptivos Hormonais em mulheres.** 2015. Trabalho de conclusão de curso conclusão (Curso de Bacharelado em Biomedicina). 20 f. Centro Universitário de Brasília, Brasília-DF. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/6858>

GUIMARÃES, A. M. A. N; VIEIRA, M. J; PALMEIRA, J. A. **Informações dos adolescentes sobre anticoncepcionais.** Revista Latino-Americana de Enfermagem.

Ribeirão Preto. v. 11, n° 3, p. 293-298, maio/julho, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692003000300005&script=sci_abstract&tlng=es

HARDMAN, J.G; LIMBIRD, L. E; GILMAN, A. G. **GOODMAN & GILMAN: As bases farmacológicas da terapêutica**. 11 ed. Rio de Janeiro. Mcgraw-Hill, 2006.

KEERTI J. S; PRAVIN, Y. N. **A study of knowledge and attitude of nursing students towards emergency contraception**. International Journal of Medical Research & Health Sciences, v.2, n ° 3, p.501-504, july/setember 2013. Disponível em: <https://www.ijmrhs.com/medical-research/a-study-of-knowledge-and-attitude-of-nursing-students-towards-emergency-contraception.pdf>

KUNDE, A.; et al. **Anticoncepção**. In: FREITAS, F.; et al. **Rotinas em Ginecologia**. 5° edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LANGER A. **El embarazo no deseado: impacto sobre la salud y la sociedad em América Latina y el Caribe**. Revista Panamericana de Salud Pública, v. 11, p. 192-205, 2002. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2002.v11n3/192-205/>

LIMA, N. L. et al. **Conhecimento dos estudantes da área da saúde acerca dos riscos dos anticoncepcionais hormonais**. Revista Eletrônica Acervo Saúde/Electronic Journal Collection Health, vol.Sup.36, p. e1335-e1335, dezembro 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1335>

MENDES, K. D. S, SILVEIRA, R. C. C. P, GALVÃO C.M. **Revisão integrativa: métodos de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. Texto e contexto enfermagem, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, out/nov 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci_arttext

MENDONÇA, D. S. B.; RODRIGUES, R. L. A. **Interações Medicamentosas entre Antibióticos e Anticoncepcionais, presentes em Prescrições Médicas**. Id on Line

Revista Multidisciplinar e de Psicologia, vol.11, nº35, p. 67-83, maio, 2017.
Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/718>

MOORE, L; PERSAUD, P V M. **Início do desenvolvimento humano: primeira semana.** In: Embriologia Clínica. 6ªedição. São Paulo: Guanabara Koogan S.A. p.24-9, 2000.

PAZ, E. C. M.; DITTERICH, R. G. **O conhecimento das mulheres sobre os métodos contraceptivos no planejamento familiar.** Revista Gestão & Saúde, v.1, n.1, p.1-10. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.herrero.com.br/files/revista/file3fe203d363e8f0e7e07358ddaa3e4596.pdf>

PENAFORTE, M. C. L. F. et al. **Conhecimento, uso e escolha dos métodos contraceptivos por um grupo de mulheres de uma unidade básica de saúde em Teresópolis, RJ.** Revista Cogitare Enfermagem, v. 15, n. 1, janeiro/março 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/17183>

PUERTA, W. A. et al. **Conocimiento métodos anticonceptivos en estudiantes de pregrado.** Revista Ciencia y cuidado, vol 8, nº1, p.47-54, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufps.edu.co/index.php/cienciaycuidado/article/view/473>

SEABRA, L.O. et al. **Conhecimento de métodos contraceptivos por universitários da área de saúde.** 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, novembro 14, 2012 – novembro 17, 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/328/130>

SILVA, B. S. et al. **Conhecimentos sobre métodos contraceptivos de acadêmicos de enfermagem da faculdade Montes Belos, em São Luís de Montes Belos-GO.** Revista Faculdade Montes Belos, v. 8, nº 4, 2015, p (143-202), 2014. Disponível em: <http://revista.fmb.edu.br/index.php/fmb/article/view/183>

SILVA, L. V. L. et al. **Conhecimento de acadêmicas de enfermagem sobre o uso da contracepção de emergência.** Revista Temas em saúde, vol 17 n° 2, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2017/08/17205.pdf>

SOUZA, R. Q. M; SCHÖNHOLZER, T. E; MIRANDA, L. R; AFIUNE, E. J. S; Afiune, L. A. F. **Avaliação do conhecimento e da prática anticoncepcional de universitárias de enfermagem relacionando com o nível de formação.** Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças–MT, vol. 17, p. 65 – 80, ago/dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/viewArticle/594>

VELOSO, D. L. C. et al. **Anticoncepção de emergência: conhecimento e atitude de acadêmicos de enfermagem.** Rev. Gaúcha Enfermagem, vol.35 no.2, p.33-39, Porto Alegre, junho 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472014000200033&script=sci_arttext&tlng=pt

VIEIRA E.M. et al. **Características do uso de métodos anticoncepcionais no Estado de São Paulo.** Revista de Saúde Pública, v. 36, n. 3, p. 263-270, junho 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102002000300002&script=sci_arttext

WANNMACHER L. **Contracepção de emergência: evidências versus preconceitos. Uso racional de medicamentos: temas selecionados.** Uso racional de medicamentos: temas selecionados, Brasília, vol. 2, n°6, maio de 2005. Disponível em: <http://redece.org/racional.pdf>

WEISBERG F, et al. **Preference for and satisfaction of canadian women with the transdermal contraceptive patch versus previous contraceptive method: an open-label, multicentre study.** J. Obstet Gynaecol Canada, v. 27, n. 4, p. 350-359, 2005. Disponível em: <https://www.jogc.com/action/showPdf?pii=S1701-2163%2816%2930462-5>

WENDER, M.C.O. et al. **Anticoncepção**. In: FREITAS, F et al. **Rotinas em Ginecologia**. 6 ºedição. Artmed. Porto Alegre. 2011.

WINIFRED, U; NOMAXABISO, M. **Nursing Students' Knowledge, Attitude and Use regarding an Implanted Contraceptive Method**. Africa Journal of Nursing and Midwifery, v. 21, n. 2, p. 1-16, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338763697_Nursing_Students'_Knowledge_Attitude_and_Use_regarding_an_Implanted_Contraceptive_Method

ZYL, P.M.V. et al. **The use, knowledge and attitudes regarding hormonal contraceptive products of female first-year students in a Faculty of Health Sciences**. South African Family Practice, v. 61, n. 5, p. 190-196, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/20786190.2019.1643197>